



ENSAIO FOTOGRÁFICO

—
ANA ESTER DE OLIVEIRA

Era final dos anos 80, quem produzia ou estava envolvido com a moda já estava com as ideias que se esboçavam para o seu futuro. O mundo da moda se voltava para a busca da “realidade”. Na fotografia o que estava por vir também se delineava; a fotografia tendia a embelezar os objetos e a realidade, mesmo que esta não fosse nada bela, conforme já criticava Walter Benjamin.

Era a época dos desfiles de alta costura para seis mil espectadores “comuns”, que, para o espanto geral, compravam ingressos para assistir à apresentação da coleção outono-inverno do francês Thierry Mugler, com direito à sua recriação de Jesus Cristo e modelos que desciam do céu. O estilista optou por vender ingressos para o seu desfile para pessoas “comuns” – além dos convidados e imprensa. A transformação da moda em espetáculo já ocorria desde Paul Poiret e Jean Patou, mas foi nas décadas de 1980 e 1990 que a espetacularização atingiu seu ápice. Afinal, “o aspecto mais artístico da moda está geralmente associado à sua exibição”, como afirma o filósofo norueguês Lars Svendsen.

Era do glamour. Nesse universo as top e as supermodels assumiam a função de protagonistas, pois emprestavam glamour às grifes. As modelos fotográficas, antes relegadas apenas à publicidade, invadiram as passarelas. “A moda em primeiro lugar”, como ditou Marc Jacobs. Estilistas, modelos e fashionistas, conforme relata Svendsen em relação às coleções de Alexander McQueen, “...pareciam gritar que eram arte e não algo banal como roupas comuns”.

Os fotógrafos dos anos 1990 mostravam para o mundo, com as imagens grandiosas e eloquentes de moda e publicidade, o que já se sabia ser o início de uma era das imagens. Para mim, tudo isso souu como um tema magnífico a ser trabalhado. Desenvolvi a ideia de reconstrução dessas imagens, que, quase sempre, tinham como protagonistas as supermodels ou übermodels em campanhas de marcas conhecidas mundialmente junto à arquitetura, lugares e pessoas comuns nas suas “realidades” individuais.

São Paulo, 1990, Rua Oscar Freire. Definido o campo de trabalho, mergulhei nesse universo recheado de vitrines, com tudo a que se tem direito em moda, e tentei

captar imagens que contrariassem o ideal de beleza clássica e trouxessem para o espectador um novo conceito de glamour, talvez mais provocador. Algo como que magnetizasse o olhar do espectador pelo viés mais “comum”.

O trabalho final exposto em coletiva no MASP foi produzido artesanalmente, deixando transparecer que fossem cartazes de lambe-lambe e tinham como sustentação, ao invés das molduras tradicionais, tapumes utilizados em construções. Terminada a exposição deu para moradores de rua que viviam perto do Museu. Parafraseando a mim mesma, tal como o título que dei à exposição, “O que a Helena Rubinstein com isso? ”.



